

*** REDACTOR PRINCIPAL ***
 Alexandre Vieira
 *** EDITOR ***
 Joaquim Cardoso
 Propriedade da União Operária Nacional
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
 — Oficina de impressão — R. da Atalaia, 151 —
 Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
 Lisboa — PORTUGAL
 End. telegr. Tathaba — Lisboa • Telefone: ?

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TRABALHADORES: AO COMÍCIO!

E Pela causa dos grevistas da Companhia União Fabril!

Subsistindo o pleito entre os operários da Companhia União Fabril e o chefe duma nefasta oligarquia que se chama Alfredo da Silva, sois convidados, pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa e pelas vossas Federações de Indústria a ir hoje, pelas 18 horas, aos terrenos do Parque Eduardo VII, manifestar serena, mas altivamente, a vossa simpatia e o vosso apoio para com os companheiros de trabalho que há perto de um mês lutam, em vão, pela satisfação de regalias humanas e justas.

Proletários de Lisboa! Mostrai, numa manifestação grande pelo número e pela consciência, que estais ao lado dos seus irmãos mas dignos combatentes que são os camaradas da Companhia União Fabril e contra os desígnios do poderoso homem de negócios perante quem só uma classe se não põe de cócoras: a classe operária.

A sorte da revolução

O exército negro da internacional capitalista redobra de violência na sua ofensiva contra as Repúblicas Socialistas do oriente europeu. Em volta de Petrogrado, a cidade vermelha, as tropas da Entente, engrossadas com as legiões dos Estados capitalistas de recente criação que circundam a Rússia revolucionária, procuram visivelmente o golpe mortal na Revolução proletária. De que valerá aos proletários russos a impetuosidade revolucionária do Exército Vermelho, a sua combatividade, a sua mesquinha verdadeiramente sobre-humana? A guerra moderna necessariamente uma grande indústria mecânica e de uma vastíssima rede ferroviária, de abundante e moderno material bélico. E, certamente, que o ex-imperio moscovita de indústria reduzidíssima, com poucas linhas férreas, embora mava sua sub-solo as matérias necessárias à factura dos seus armamentos, empregados nos combates de hoje, não poderá suprir na medida necessária as inadiáveis necessidades requeridas pela guerra. A revolução proletária, travada numa frente de mais de dez mil quilómetros, de hoje, ao contrário, à Entente abundam esses elementos de luta, possuindo reservas de material de guerra verdadeiramente inexgotáveis, que lhe permitirão manter a sua superioridade esmagadora sobre os ardorosos paladinos da burguesia capitalista.

Os jornais socialistas de Itália, França e Inglaterra continuam na sua campanha contra a intervenção na Rússia e Húngria, redobrando de violência nos seus ataques aos respectivos governos e apontando a necessidade de um esforço homogêneo do proletariado das três potências, no sentido de terminar com essa intervenção.

Empreendimento de difícil realização, para ele trabalham activamente as organizações sindicais dos três Estados. E na visita que os delegados dos proletários francês e inglês fizeram à Itália operária e revolucionária, assente ficou a proclamação, para prazo breve, da greve geral internacional.

Será esse movimento formidável, e dele muito há a esperar. Além da cessação das hostilidades com a Rússia e a Húngria, terá também como objectivo a anulação do tratado de Versalhes, tratado que há cem anos seria exequível, mas que agora — quando a revolução proletária atingiu um tal alto grau, e após cinco anos de horrível massacre e católicas promessas dos homens públicos da Entente de ao mundo darem uma paz justa e duradoura — os povos de forma alguma aceitarão.

A questão da paz apassiona o proletariado desses países e, a ajudar à solidariedade deste com os revolucionários do Oriente, será um factor importante para a efectivação da mobilização geral das reservas da Revolução Social.

Vai travar-se um esforço derradeiro para salvar as Repúblicas dos Soviéticos. Dele dependerá a sorte da Revolução.

E a guerra vermelha alastrando dos Uracs, da Ucrânia, de Arkangel, de Petrogrado, a Paris, a Londres, a Roma. E o mundo operário que se defrontará, num combate decisivo, com o mundo capitalista.

Qual o resultado de tremendo prelo?

«Convencida de que essa derrota seria a derrota de todo o proletariado, a Federação marítima genovesa convida as outras organizações operárias e especialmente as dos trabalhadores dos portos a boicotarem qualquer navio destinado a viajar ao serviço do capitalismo internacional contra a internacional dos trabalhadores, que neste momento tem as vanguardas vermelhas nos campos ensanguentados da Rússia revolucionária.»

Não precisamos de comentar: o exemplo fala por si mesmo.

Sessão de propaganda
 Na sede da Associação dos Mecânicos em Assucar, rua do Arco, 21, 1.º, realizou-se na quarta-feira uma sessão preparatória para a manifestação de amanhã, a U. O. N. e U. S. O., e as Juventudes Socialistas Central, Lisboa e Chelas.

A comissão dos mecânicos em assucar pede à classe que não deixe de comparecer nesta sessão, assim como o povo trabalhador de Alcântara.

Em homenagem a A BATALHA

O passeio fluvial a Vila Franca

Conta-nos aqui um camarada que o vapor *Alentejo* teve, em épocas passadas, um outro nome e uma outra nacionalidade. Grandes travessias terá feito o *Alentejo*, em toda a sua existência flutuante, por mares diversos. Mas de crer é que nunca lhe tivesse peido as câmaras uma assistência tão animada como a que ontem o ocupou, no passeio à barra e a Vila Franca. O *Alentejo* é um barco confortável e amplo, de acomodações meio luxuosas. Move-se pelo velho sistema das rodas, duas rodas imensas que uma máquina possante acciona, mas nem por ser velho o sistema de locomoção é mais morosa a marcha. Ao contrário, o *Alentejo* desliza lesto e galhardo nas águas tágides, de ordinário mansas. Assim foi ontem, na excursão realizada em homenagem a *Batalha*. Cuidou a comissão promotora da excursão em ornatar o barco, com bandeiras marítimas e estandartes sindicais, o amplo vapor. E assim se nos apresentou o *Alentejo*, de manhã, com um aspecto festivo e solene. Uma espera algo longa, na estação do Sul e Sueste, antes da largada, que se efectuou pontualmente uma hora depois da marcada. A banda dos Alunos do Beato ataca as frases marciais do hino da *Batalha*. Recolhem-se os cabos, entra a máquina a mover-se, e eis parte o *Alentejo* rio abaixo, de proa à barra. O céu, que se mostrava carrancudo, tornou-se deslumbrante a breve trecho, diluindo as névoas matutinas.

O nosso rio é lindo, visto assim, na luz esplêndida dum dia de primavera. E Lisboa, sob um sol brilhante, recitanda molemente em encostas doces e em vales pittorescos, é linda também. Olhada de longe, principalmente, para que se lhe não possa ver a miséria que a popula, nem ouvir o dolorido clamor de sofrimento dos que a habitam. Pois todo esse soberbo panorama que a cidade oferece, alongada em construções recentes quasi até Algés, se proporcionou à admiração dos excursionistas quando o *Alentejo* foi.

Do Terreiro do Paço à Barra

Com andamento médio desceu o vapor o rio, passando em frente das pitorescas localidades que orlam apoteoticamente toda a margem norte do Tejo glorioso. E eis que alguns mais apressados desatam seus farnéis. E logo outros, e depois todos lhes seguem o exemplo. Almoça-se em todos os pontos do vapor. Há ranchos estragados na cobertura, com peixe frito e salada, sua perna de carneiro, sua franginha corada, a borraça ao lado, numa reminiscência de romaria às hortas. Os grupos *entretem*, quer dizer, misturam-se, contraditariamente, relacionam-se. Encontrava-se a gente a manuciar nos pastéis do visinho, enquanto um camarada desconhecido nos abalava com as pescadinhas que levaramos. A animação redobrou após a refeição. E o hino de *Batalha* é cantado em toda a parte, em todos os tons, torcionado às vezes nas variações que o sentimento musical de cada um lhe inflige.

Estorram aclamações, vivas entusiásticas em que se recorda o esforço do operariado, o gesto audaz dos russos, em que se repercute toda esta nossa indomável ânsia de emancipação. Tenha paciência o ministro da guerra...

A Vila Franca

O *Alentejo* circula em frente a S. Julião da Barra aguardando monção propícia. O rebocador que a associação dos catraciros puzera ao dispor da comissão acompanha-o de longe. E, chegada a maré a termos bons, eis se vir de proa Tejo acima. E para Vila Franca a marcha agora, mais puxado o vapor à margem sul, numa atmosfera de deslumbramento. O sol sobre o céu, paradisíaco, e flumina alegremente tudo. Pulsam mais fortes os nossos corações, e o barco, até, parece que se activa em seu arquipé. As horas passam, leves, na alegria crescente do percurso. Aqui se dança o *Vira*; ali se canta o fado. A banda do Beato toca frequente, ou perca salitantes ou hinos proletários. O barco é uma ilha rumorosa e alegre. Por isso as horas passam, imperceptivelmente...

Realizou-se ontem com extraordinário êxito e alacra. Por isso as horas passam, imperceptivelmente...

A recepção

Vila Franca de Xira surge ao longe, cheia de sol, engradada em verde. O *Alentejo* alcança-a breve, galgando o rio que ali se adelgaça entre as margens luxuriantes. O barco ataca, enquanto em terra estalam os foguetes festivos. O cais está apinhado. Os trabalhadores de Vila Franca esperam os seus camaradas de Lisboa e recebem-nos carinhosamente. Desembarca-se entre aclamações. Duas bandas de música solenizam a chegada dos excursionistas. E dali se segue para a Associação dos Rurais, de cujas janelas se fala ao operariado local; Miguel Correia, em nome da U. O. N.; Aurélio Quintanilha, em nome da *Batalha*; e ainda Sebastião Eugénio. Discursos breves, vibrantes, incisivos. Adivinhá-lhe a natureza aqueles que não ouviram os oradores, e isso nos poupa a um extracto dispensável. Na sala da Associação do concheiro, saindo o administrador do concheiro, saindo o operariado de Lisboa. Responde-lhe Quintanilha, agradecendo e fazendo votos para que a orientação das autoridades e governantes passe a ser de prudente tolerância em vez de continuar, como até aqui, despótica e truculenta.

O regresso

Os excursionistas espalham-se em seguida pela vila. O jardim povoa-se de ranchos buliçosos. Estendem-se toalhas sobre a areia e ao redor se amesandam os convívios. Janta-se, tão agradável quanto se almoçou. Não há rua onde os excursionistas não circulem. E Vila Franca toma um novo e animado aspecto. O sol entre entremetidos a declinar para o poente. São horas de voltar. Regressa-se ao vapor. E à vinda, como à ida, o entusiasmo é enorme. Canta-se, dança-se, alguns comem à vontade. O *Alentejo* aproxima-se da cidade, chega em frente a Lisboa, vai ainda um pouco além e volta após. O desembarque efectuou-se já depois das 21 horas.

Notas várias

Foi assim o passeio fluvial em homenagem a *Batalha*, revestindo o cunho memorável de uma manifestação imponente do operariado, numa festa que nem por ser local perde a significação revolucionária, conseqüência da pelos elementos que nela tomaram parte.

A *Batalha* consigna aqui, uma vez mais, a expressão do seu reconhecimento aos seus camaradas e amigos que, constituídos em comissão, tomaram a iniciativa, aliás corada do mais completo êxito, da realização do passeio fluvial. E esse reconhecimento abraça, dum modo geral, todos quantos contribuíram para aquele êxito, todos quantos, numa sensibilidade magnífica de boa vontade, ofereceram os seus préstimos, assim contribuindo para o brilhantismo da festa ontem realizada. Especializámos a tripulação do vapor, que foi duma dedicação em extremo cativante.

De bordo do *Alentejo* foi lançado, pelo nosso camarada António Graça, um *cerf-volant* que se elevou a manevra no espaço durante algum tempo. Devido, porém, a uma brusca mudança de rumo do vapor, o aparelho tombou, mergulhando no rio e partindo-se o cabo que o sustentava quando se pretendia puxá-lo para bordo. Pede o camarada aos raritimos que porventura tenham recolhido o aparelho a fineza de o depositarem na redacção deste jornal.

A chegada dos excursionistas a Vila Franca foi anunciada por uma pequena embarcação de que é proprietário o sr. António Júlio Lopes e arrais o sr. João Frederico Pereira. Foi este mesmo barco o primeiro a receber o *Alentejo*, na sua chegada a Vila Franca.

O sr. Manuel Martins de Almeida perdeu, em Vila Franca, na casa onde jantou, de frente da estação, uma carteira com 12000, e pede a quem a encontrou a fineza de entregá-la neste jornal.

Manteem-se as greves recentemente declaradas nalgumas oficinas de vários ranchos da indústria gráfica, sendo excelente o moral dos respectivos operários em luta.

As greves que ontem se iniciaram em diversas oficinas fotográficas constituíram uma surpresa para os seus proprietários que não esperavam que os seus empregados cuja associação tem só um ano de existência salssem da inércia em que jaziam por muito tempo.

Ontem, pelas 21 horas, reuniram os camaradas deste ramo do grafia, apreciando e discutindo calorosamente a intransigência dos industriais fotográficos acerca do convénio relativo ao salário mínimo pelo que se resolveu prosseguir na luta até à aceitação do mesmo convénio, tratando-se também doutro assunto de interesse para os empregados de fotografia.

Aviaram-se todos os operários gráficos de que devem comparecer com assiduidade na sua sede sindical.

As greves

Operários marceneiros

A greve prossegue ordeiramente, encontrando-se disposta a classe a conquistar as suas justíssimas pretensões. Apesar do encerramento desta Associação, reuniu ontem a assembleia magna, que esteve muito concorrida, sendo apreciada uma nota dos industriais em que falsamente declaravam encontrar-se em laboração algumas oficinas, e recomendar hoje o trabalho nas restantes. Resolveu continuar com a mesma energia na greve sendo reforçadas as comissões de vigilância no sentido de não permitir que alguns operários do vão trair, protegidos pela força armada.

Hoje reúne novamente a classe em assembleia magna às 13 horas para tratar de um assunto de magna importância.

Operários soldadores

Os industriais soldadores, no propósito evidente de fazer render os operários pela fome, continuam na mais rigorosa intransigência, dirigindo insultos e ameaças, com que os grevistas não se importam nem intimidam, apesar da crítica situação em que se encontram por falta de recursos materiais.

As reclamações dos camaradas soldadores são as seguintes: Ordenado mensal de 45\$00 a 50\$00, ou aumento em cada cento de latas.

A intransigência operária mantém-se como resposta à intransigência burguesa, esperando os grevistas sair, deste movimento, vitoriosos, com o que se mostram bem dignos do nome de operários conscientes.

Empregados de fotografia

A propósito da greve parcial destes nossos camaradas escrevem o sr. Ricardo de Barros, um dos subditos grevistas, que nos diz que o pessoal do seu atelier abandonou o trabalho unicamente pela sua recusa a assinar o convénio que lhe foi apresentado pela Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, assinatura que seria contrária aos seus princípios que sempre defendem em relação à mais ampla liberdade, acrescentando que os salários do seu pessoal são superiores ao salário mínimo estabelecido pelo sobredito convénio.

Fazendo fé no que nos diz o sr. Ricardo de Barros não compreendemos como o nem de que maneira a sua aceitação do convénio acima indicado poderia brigar com a sua liberdade individual ou patronal, tanto mais que a assinatura desse convénio seria a confirmação do que o mesmo senhor nos diz na sua muito dedicada e atenciosa carta.

Faca o sr. Barros como entender a tal respeito, mas creia que a sua resistência à aceitação do convénio é o resultado da falta de luz e do emprego de uma objectiva muito escura, como o diagrama, apertadíssimo e o foco muito escuro.

Mude o sr. Barros de objectiva, corra as cortinas, empregue um diagrama médio e verá como o convénio se lhe apresenta bem detalhado, sem necessidade de reforço ou redutor, de protecção ou retoque.

Classes gráficas

Manteem-se as greves recentemente declaradas nalgumas oficinas de vários ranchos da indústria gráfica, sendo excelente o moral dos respectivos operários em luta.

As greves que ontem se iniciaram em diversas oficinas fotográficas constituíram uma surpresa para os seus proprietários que não esperavam que os seus empregados cuja associação tem só um ano de existência salssem da inércia em que jaziam por muito tempo.

Ontem, pelas 21 horas, reuniram os camaradas deste ramo do grafia, apreciando e discutindo calorosamente a intransigência dos industriais fotográficos acerca do convénio relativo ao salário mínimo pelo que se resolveu prosseguir na luta até à aceitação do mesmo convénio, tratando-se também doutro assunto de interesse para os empregados de fotografia.

Aviaram-se todos os operários gráficos de que devem comparecer com assiduidade na sua sede sindical.

Os carroageiros e os manipuladores de pão votam a greve geral

A greve da União Fabril

Sem nada de novo a registar, prossegue a greve do pessoal da C. U. F. Na forma do costume, esta reuniu ontem, deliberando prosseguir energicamente na sua atitude.

O pessoal da Câmara, empregado nos fornos da cal do Parque Eduardo VII, entregou-nos o produto de uma subscrição que entre eles abriram a favor dos grevistas da União Fabril, e que atingiu a quantia de 1\$03.

Os camaradas do Parque Silva Pôrto também abriram uma quete com o mesmo fim, que rendeu 29\$59.

Os carruageiros votam a greve geral

A classe dos carruageiros, reunida em sessão magna, votou a greve geral em princípio, por solidariedade com os camaradas da C. U. F., aguardando resoluções da U. O. N.

Os operários manipuladores de pão reúnem em sessão magna, votando a greve em princípio

Com enorme concorrência, realizou-se ontem, a anunciada sessão magna dos operários manipuladores de pão.

A sessão decorreu com grande entusiasmo, sendo todos oradores, que foram muito aplaudidos, unânimes em verberar o procedimento do governo para com os grevistas da C. U. F.

Falaram os camaradas João Maria Major, Manuel da Silva Júnior e Francisco Fernandes, pela U. O. N., e outros.

Foi aprovada, no meio de grande aclamação, uma moção cujas conclusões são as seguintes:

«Os operários manipuladores de pão, reunidos em sessão magna para apreciar a atitude do governo em face da greve dos operários da C. U. F., resolveram protestar contra todas as violências que, tem sido vítimas aquelas camaradas, e manter a sua solidariedade, acatando qualquer resolução que tome a U. S. O. de Lisboa no sentido de obrigar o governo a solucionar o conflito levantado pelo sr. Alfredo da Silva.»

Foi resolvido, por fim, votar a greve geral em princípio, reservando a direcção o direito de a proclamar.

Ainda outra moção foi apresentada, cujas conclusões são as seguintes:

«Protestar energicamente contra as violências praticadas pelas autoridades, as quais tem vitimado alguns trabalhadores; 2.º Protestar contra o regresso à metrópole, das camaradas deportadas para a África.»

As duas moções foram recebidas com grande entusiasmo, sendo aprovadas por unanimidade.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, sendo levantados vivas à U. O. N., à internacional Operária a *Batalha* e à greve geral.

Foi tirada uma quete no final da sessão para os camaradas da União Fabril, que rendeu vinte e seis escudos e quatro centavos.

Nota oficial da U. S. O. do Barreiro

Vindo inserta ontem em alguns jornais da manhã, uma espécie de nota oficial enviada pelo sr. Alfredo da Silva, na qual se aliam os operários da C. U. F., a União dos Sindicatos Operários do Barreiro, vem desmentir categoricamente as afirmações do mesmo senhor.

As fábricas de Alcântara não tem como aquele senhor diz, os quadros do pessoal completos — tem sim os quadros completos mas é só com as chapas respectivas, pois que só ali trabalha um reduzido número de 80 a 100 operários, dentre os quais apenas 26 são do antigo pessoal. E de notar que o número dos operários ao serviço antes da greve era de 600 a 700 operários. (Por aqui se vê que é falsa a afirmação do sr. Alfredo da Silva.)

Com respeito ao pessoal do Barreiro,

tem-se esforçado o sr. Alfredo por arranjar gente para as mas até hoje ainda o não conseguiu pois que por toda a parte tem do respostas negativas. Não é também verdade o pessoal ter sido atacado de morte como aquele senhor diz pois que o pessoal é todo um inimigo não retomar o trabalho sem que seja feita justiça a todo o pessoal. No q diz respeito ao pagamento dos dias e greve ao pessoal, se este o diz é que (além de ser uma das reclamações pessoais cujo nome não estamos autorizados a declarar e que este em circunstâncias de o saber, assim não lo afirmado. Somos mais a declarar não foi o pessoal quem fez a greve, o sr. Alfredo da Silva, que assim quiz, chegando a declarar a alguém que o seu pessoal havia de ser lançado a greve custasse o que custasse. Bem sabemos que estes truz do sr. Alfredo da Silva, são só para ver se comintar a seu pessoal a simpatia de todas as classes operárias lhe dedica. Mas para deslazar com mais segurança as falsidades do sr. Alfredo da Silva a U. S. O. do Barreiro repita o mesmo senhor a que venha perante o soal dizer de sua justiça, na certeza que nós reputaremos com argumentos incontestáveis, todas as afirmações de aquele senhor faz na tal nota officiosa quaisquer outras que ele queira fazer.

Os Ferroviários da C. P. d liberam dar todo o apoio moral e monetário aos grevistas da C. U. F.

Os corpos gerentes do Sindicato Ferroviário, reunidos para se pronunciarem perante as violências cometidas contra os camaradas da C. U. F., em benefício do sr. Alfredo da Silva, deliberaram convidar a classe associada e não associada a dar todo o seu apoio moral e monetário a essas camaradas que contra nobreza e justiça vem lutar contra um dos mais odiosos potentados da corrupta sociedade portuguesa.

Sobre o movimento local que sendo votado em Lisboa, os correntes do Sindicato afirmam ter simpatia para com os camaradas de solidariedade. E aproveitam de esclarecer os pouco versados em matéria de organização operária que os ferroviários filiados neste sindicato tomam parte no projectado movimento, visto lhe ser limitado a Lisboa e o Caminhos de Ferro entenderem de norte a sul da República, não competindo, portanto, aos ferroviários tomar parte em movimentos que não sejam extensivos a todo o país.

UMA CARTA

O sr. José Joaquim da Cunha Malheiro enviou ontem a comissão administrativa do Centro Socialista de Lisboa a carta que, a seu pedido, a 30 de publicamos:

Tendo eu conhecimento que na sessão parlamentar realizada em 15 do corrente mês, os deputados socialistas (excluindo Dias da Silva) declararam apoio ao governo para manter a ordem pública, consequentemente reprimir os movimentos operários, como tem feito até agora, fustigando grevistas (Guia) e sendo essa atitude imprópria de quem se indica do deputados socialistas, o que quero dizer defensores das classes trabalhadoras, considero-me desde já desligado do Partido Socialista Português, com a atitude do qual já há muito discordava, aproveitando este ensejo para pedir a minha demissão.

Operários do Município de Coimbra

COIMBRA, 15. — C. — Acabam de reunir os empregados do município que resolveram reclamar aumento de salário. A sessão foi imensamente concorrida, sendo a *Batalha* aclamada. A assembleia protestou contra a atitude do vereador socialista, que está praticando os interesses dos empregados do município.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

COIMBRA, 15. — Os empregados do município, reunidos em sessão magna saudam a *Batalha* pela brilhante festa que tem feito dos seus interesses gerais.

